

Editorial

**Mariana Pinto dos Santos
e Afonso Dias Ramos**

No dia 2 de Junho de 2021, numa co-organização da Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian e o Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, teve lugar o colóquio *Centenário de Ernesto de Sousa 1921-2021*, assinalando o centésimo aniversário do nascimento de Ernesto de Sousa, que desde os anos quarenta do século XX até ao seu falecimento, a 6 de Outubro de 1988, teve um papel fundamental nas artes em Portugal e marcou as gerações de artistas que vieram a trabalhar depois do 25 de Abril. No quadro do festejo do centenário, o Centro de Arte Moderna – Museu Calouste Gulbenkian apresentou na mesma ocasião a obra *mixed-media* de Ernesto de Sousa *Luiz Vaz 73* no Grande Auditório, em colaboração com o Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian. Também a Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian mostrou em exposição o importante acervo documental do espólio de Ernesto de Sousa doado à Biblioteca por Isabel Alves, e que pode agora ser consultado por investigadores. O livro que agora publicamos abre com uma breve apresentação de Ana Barata desse espólio agora disponível na Biblioteca de Arte e Arquivos, acompanhada por algumas imagens da exposição patente em Junho de 2021.

Em resposta à chamada de trabalhos feita meses antes, a comissão científica, composta por Afonso Dias Ramos (IHA/NOVA FCSH), Ana Barata (Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian), Isabel Alves (CEMES), Mariana Pinto dos Santos, (Projecto PIM, IHA/NOVA FCSH), Ricardo Nicolau (Museu de Serralves) e Rita Fabiana (Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian), escolheu seis propostas de comunicações de jovens investigadores. O colóquio contou também com duas mesas-redondas, sob o mote “Criação consciente de situações: testemunhos de trabalho sobre e com Ernesto de Sousa” que reuniram na primeira Pedro Barateiro, Salomé Lamas, Lilou Vidal, Pedro Proença, João Seguro, Vera Mantero (com moderação de Mariana Pinto dos Santos) e na segunda Paula Parente Pinto, Paulo Pires do Vale, Joana Ascensão, José Antonio Agúndez García, Miguel Wandschneider (com moderação de Leonor Nazaré, Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian).

Este livro resulta da chamada de artigos que sucedeu a esse colóquio, que se estendeu a vários investigadores que tinham apresentado propostas de comunicação, mas que, por restrição de tempo, não puderam integrar o colóquio. Publicamos seis estudos que foram submetidos a rigoroso processo de

revisão por pares e que constituem importantes contributos para novas perspectivas sobre o papel e o trabalho de Ernesto de Sousa nas artes visuais portuguesas da segunda metade do século XX. O primeiro, de Ana Teresa Cancela Pires, elabora uma análise minuciosa do primeiro *mixed-media* de Ernesto de Sousa, a *performance* ou *happening*, como também foi chamado, *Nós Não Estamos Algures* de 1969, para a qual a autora estudou a fundo importantes fontes documentais primárias. O segundo, de Francisca José Rodrigues, aborda a construção do arquivo de Ernesto de Sousa e a sua importância para alguns dos conceitos-chave que o autor veio a propor. Em seguida, o estudo de Joana Isabel Duarte traz uma importante perspectiva sobre o contexto da cultura cinematográfica na década de 1950 no qual surge a intervenção cineclubista de Ernesto de Sousa, bem como o seu trabalho de crítico, divulgador, e realizador de cinema. José Luís Mateo traz-nos, em castelhano, um trabalho inédito de investigação sobre o Estudio Quid, em Vigo, e o trabalho colaborativo de artes gráficas que ali teve lugar, marcado pelas ideias de Ernesto de Sousa; foi nesse Estudio que foram impressos os materiais do *mixed-media* intitulado *Almada, um nome de guerra* que viria a ser apresentado pela primeira vez só em 1983 e 1984. Margarida Moura apresenta uma investigação importante sobre o envolvimento de Ernesto de Sousa com o movimento internacional de *Mail Art*, para o qual trabalhou pela primeira vez várias fontes primárias. Finalmente, Pedro Gonçalves faz uma análise cuidadosa da Exposição *Do Vazio à Pró-Vocação*, feita em 1972 por Ernesto de Sousa no contexto da Expo AICA SNBA 1972.

Este livro, no entanto, tem uma existência autónoma e para lá do colóquio que lhe deu origem.

Assim, apresentamos um capítulo de “testemunhos e revisitações”, para o qual colaboraram Guilherme d’Oliveira Martins, que recupera a memória das mais importantes intervenções artísticas de Ernesto de Sousa ao longo de quatro décadas; Delfim Sardo, que generosamente nos facultou o texto da sua palestra na exposição *Meu Amigo: obras e documentos da Coleção Ernesto de Sousa (1921-1988)*, organizada por Isabel Alves com colaboração de Emília Tavares no Museu Nacional de Arte Contemporânea/Museu do Chiado em Lisboa, patente entre 19 de Maio e 26 de Setembro de 2021; Paula Parente Pinto, que reedita um importante estudo sobre o filme *Dom Roberto* (1962) recuperando imagens de fotografias rasuradas, que por sua vez a artista Salomé Lamas veio a utilizar numa performance na Cinemateca Portuguesa, por ocasião da exibição do filme *Dom Roberto* a 29 de Novembro

de 2021, também celebrando o centenário; e José Antonio Agúndez García, director Museu Malpartida de Cáceres, que nos traz, em castelhano, um amplo panorama das relações entre Wolf Vostell e Ernesto de Sousa, e os encontros por eles organizados no Museu Malpartida, as SACOM – Semanas de Arte Contemporânea, em 1978, 1979 e 1980.

Publica-se também neste livro um texto inédito de Ernesto de Sousa, o da sua conferência proferida em 1946 durante a exposição na *Semana de Arte Negra*, a primeira feita em Portugal com o intuito de pôr lado a lado arte moderna e arte africana.

Uma outra secção corresponde ao desafio lançado a artistas para ocuparem algumas páginas com um trabalho ou documento à sua escolha para evocação de Ernesto de Sousa. António Barros, Salomé Lamas, Pedro Proença, Pedro Barateiro, Vera Mantero, João Seguro e Hugo Canoilas responderam ao desafio. António Barros fez uma intervenção numa sua obra de 1980 para o trabalho *gRito de ES_Ernesto de Sousa com GerAcção ao fundo*, 2021. Salomé Lamas trouxe uma imagem rasurada de *Dom Roberto*. Pedro Proença colaborou com uma montagem multilingue no qual encontramos ecos dos textos experimentais e poéticos de Ernesto de Sousa. Pedro Barateiro trouxe-nos também uma montagem de imagens, que incluem as que o algoritmo do YouTube nos sugere depois de vermos algum vídeo nessa plataforma, e que foram apresentadas na sua leitura performativa de 2022 *Kissing Someone in the Middle of a Crowd: Translating Ernesto de Sousa's "Orality the Future of Art"*. Vera Mantero mostra-nos imagens da obra que criou e coreografou a partir de uma sugestão de Paula Parente Pinto, *As Práticas Propiciatórias dos Acontecimentos Futuros*, apresentada em Junho de 2018, e que partia do material reunido por Ernesto de Sousa no âmbito da bolsa que recebeu da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1966 e 1968 para estudar arte popular. João Seguro enviou-nos a obra *Palavras Quebradas / Broken Words*, 2018/2022. *Treffen in Guincho*, evento colectivo dirigido por Hugo Canoilas no qual participaram os artistas Filipe André Alves, Clotilde, Vasco Futscher, Sophia Hörmann, Fernando Mesquita, Thea Möller, Sofia Montanha, Nikolai Nekh, Pedro Diniz Reis, Maddison Rowe, Andreia Santana, e Anna Schachinger, apresenta imagens da acção que teve lugar no dia 24 de Outubro de 2021. Re-inventaram nesse dia o *Encontro do Guincho* de 3 de Abril de 1969, organizado com Noronha da Costa e a Oficina Experimental, no qual se transportou um objecto de Noronha da Costa para a praia do Guincho, objecto que foi destruído a tiro, sendo feito o registo

destas acções para um filme de Ernesto. *Treffen in Guincho* performatizou a devolução de uma escultura ao mar, actualizando a indistinção crítica/acção artística de Ernesto de Sousa para uma indistinção criação artística/natureza, englobando-as a ambas num mesmo ciclo de vida.

Finalmente, publica-se a transcrição da primeira das mesas-redondas que tiveram lugar no dia 2 de Junho de 2021, em língua inglesa, que foi revista para efeitos desta publicação. Nela surgiu um debate rico e uma partilha entre artistas de diferentes gerações com a curadora Lilou Vidal, responsável por outras duas exposições que abriram nas Galerias Municipais Quadrum e Avenida da Índia a 27 de Novembro de 2021, sob o mote *Exercícios de Comunicação Poética com Outros Operadores Estéticos*, que juntava trabalhos de Ernesto de Sousa e obras de artistas contemporâneos especificamente concebidas para estas exposições. *Treffen in Guincho* era uma dessas obras, que podia ser visionada num vídeo na Galeria Avenida da Índia. Duas performances de Pedro Barateiro integraram também estas exposições, e as imagens que surgem neste livro estão relacionadas com uma delas, *Kissing Someone in the Middle of a Crowd: Translating Ernesto de Sousa's "Orality the Future of Art"*, apresentada na Galeria Quadrum no dia 10 de Fevereiro de 2022, em torno do texto de Ernesto de Sousa *Oralidade, Futuro da Arte*. Leituras, visitas guiadas, juntaram várias outras pessoas, Lilou Vidal, José Miranda Justo, Tobi Maier, Mariana Pinto dos Santos, além dos artistas Pedro Barateiro, João dos Santos Martins, Hugo Canoilas, Salomé Lamas, Ricardo Valentim, Oficina Arara, Isabel Carvalho, Hanne Lippard, Sarah Margnetti, Nils Alix-Tabeling, Nora Turato.

Este livro em três línguas, português, castelhano e inglês, embora partindo do colóquio de 2 de Junho de 2021, está, pois, na confluência de vários eventos que, ao longo de 2021 e prolongando-se por 2022, assinalaram o Centenário de Ernesto de Sousa, nos quais se cruzaram diversos investigadores e artistas, numa rede colaborativa que muito se deveu às próprias ideias que Ernesto promoveu em diversos textos e acções.

“Criação consciente de situações” foi o título que Ernesto de Sousa deu ao seu texto sobre a *Alternativa Zero*, a exposição-evento colectiva que organizou em 1977 na Galeria de Belém, com dezenas de artistas. O texto foi publicado nesse mesmo ano, em Outubro, no n.º 34 da revista *Colóquio Artes* dirigida por José-Augusto França. Era também o título que Ernesto de Sousa destinara a uma das secções de um livro que reunia

os seus textos e cuja estrutura deixada delineada por Ernesto serviu de base a José Miranda Justo e Isabel Alves para organizar a antologia *Ser Moderno... em Portugal* (1ª edição: Assírio & Alvim, 1998; 2ª edição: Edições do Saguão, 2021). Como escreveu então José Miranda Justo no posfácio, tratava-se de considerar “todo o experimentalismo [enquanto] criação de situações, mas a “criação de situações” é tanto mais eficaz quanto mais ela se confunde com uma concepção de acção política, ou seja, com um modo activamente experimental (e portanto produtivo, “criativo”) de estar na polis”¹. A expressão provinha do livro *Contre le Cinéma* de Guy Debord, citado em epígrafe no texto de Ernesto publicado na *Colóquio-Artes*. Contra o cinema, era, afinal, a posição em que Ernesto se encontrava nessa década de 1970, depois de considerar caduca a figura do realizador de cinema (que tanto quisera ser nas duas décadas anteriores), tanto quanto a de artista, propondo antes a designação de “operador estético” para o criador. A criação não tinha circunscrições de *medium* ou linguagem, o operador estético movia-se entre artes e palavras e acções, sem preocupação com delimitações fronteiriças, nem geográficas, nem temporais, nem de media. Isso explica o carácter estético, poético, do texto de Ernesto de Sousa sobre a exposição que organizara (que incluía uma colagem de citações de vários críticos sobre a *Alternativa Zero*) e cuja curadoria considerava também “operação estética”: “[Desde] *Do Vazio à Pró Vocação* [1972] e *Projectos-Ideias* [1974] [...] (e em quase total independência relativamente aos chamados “vanguardismos internacionais”) comecei a considerar que produzir uma exposição poderia ser o equivalente à produção de uma obra de arte; colectiva, bem entendido, o que coincide de resto com o mais nobre destino da actividade estética (“a poesia deve ser feita por todos”).”² Ernesto de Sousa propunha-se assim “construir situações” no sentido Debordiano, isto é, considerando uma “situação construída” como um “momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização colectiva dum ambiente unitário e de um jogo de acontecimentos”³. Nesse sentido, a ênfase do processo, dos meios enquanto mensagens, do quotidiano como tempo e lugar da construção de situações estéticas e não de obras de arte, predominam na prática e teoria (ou na indistinção entre elas) de Ernesto de Sousa dessa década de 1970.

Para o título deste livro acrescentámos, porém, a inversão da proposição, “uma situação consciente de criações”. Não só esse comentário se dirige à actividade estética de Ernesto de Sousa de então, pois Ernesto e outros artistas a

José Miranda Justo, “Posfácio. Ernesto de Sousa: “o fim do fim do mundo” ou depois da tautologia” in *Ser Moderno... em Portugal*, 2ª ed., Lisboa: Edições do Saguão, 2021, p. 302.

Ernesto de Sousa, “Alternativa Zero. Uma criação consciente de Situações” in *Ser Moderno... em Portugal* (org. José Miranda Justo e Isabel Alves), 2ª ed., Lisboa: Edições do Saguão, p. 234.

“Definições” in *Internationale Situationniste*, n.º 1, Junho de 1958, incluído em *Internacional Situacionista. Antologia*, org. e trad. Júlio Henriques, Lisboa: Antígona, 1997, p. 27.

trabalhar no mesmo contexto estavam bem atentos e cientes das “criações” que se afirmavam na cena artística internacional que quiseram integrar e com as quais dialogavam. Nesse sentido, a situação que construíam estava “consciente” da relevância transnacional das suas “criações”. Mas também esse comentário diz respeito a todas as criações, eventos e debates gerados pela evocação de Ernesto de Sousa, que tiveram especial fulgor no ano do seu centenário, mas que o antecedem e sucedem, sendo hoje ainda reequacionados os seus textos, acções, exposições, filmes e anti-filmes e *mixed-media*, na prática de vários artistas, curadores e investigadores. São, em suma, novas situações conscientes das criações que as precederam e que desviam, torcem, criticam e actualizam ideias e processos que Ernesto de Sousa catalisou, ele-próprio bem consciente das “criações” dos seus pares – como Beuys, Filliou, Cage, Jorge Peixinho – e antecessores – como aqueles que tomou para si, apropriou e transformou, Almada Negreiros, Bertolt Brecht ou Franklin Vilas Boas-Neto.

Agradecemos profundamente a todas e todos que tornaram possível este livro, em formato digital e em formato físico, em particular às autoras, autores e artistas que nele colaboraram, à Sofia Gonçalves pelo magnífico design e pela disponibilidade constante, ao Instituto de História da Arte da NOVA FCSH, e à Fundação Calouste Gulbenkian pelo seu inestimável apoio.